

A POESIA PASTORIL NA GRÉCIA E EM ROMA HISTÓRICO

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ e USP)

RESUMO

Discorreremos sobre a origem da poesia pastoril na Grécia e em Roma, bem como analisaremos a vida de Teócrito e de Virgílio. Outrossim, veremos o significado etimológico de idílio, égloga e bucólica. Sabemos que modernamente, todos estes nomes se equivalem, contudo, primitivamente, são diferentes.

Esperamos que este trabalho acadêmico seja de magno proveito a todos os amantes da literatura aos docentes; e aos discentes da graduação e pós-graduação do curso de Letras das universidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia pastoril, Virgílio, Teócrito.

Discorreremos, inicialmente, sobre o “gênos” da poesia pastoril na Grécia, focalizando a vida e o estilo de Teócrito e a origem deste tipo de poesia em Roma com Virgílio¹.

Como surgiu a poesia bucólica, na Grécia? Alguns afirmam que se originou dos Lacedemônios, quando Xerxes, o rei dos Persas, fez uma viagem à Grécia. As mulheres espartanas não puderam cuidar do altar da deusa Diana, com zelo, na cidade dos pastores, como era costume delas fazerem, devido ao medo do inimigo. Mesmo assim, elas celebraram o evento religioso com cânticos desarmoniosos, chamando-os de canto bucólico.

¹ A literatura bucólica compreende idílios e églogas nas quais as figuras representam pastores e outros personagens dos campos e dos montes. No bucolismo, são expressos liricamente os sentimentos. Apresenta caráter lírico, sem o “eu lírico”, porque o poeta esconde-se atrás de uma personagem, como se fosse um narrador. Embora seja o bucolismo um gênero de caráter misto, pois apresenta características do lírico, épico e dramático, a poesia bucólica é classificada como lírica pelo fato de expressar a subjetividade. Sabemos que nenhum gênero apresenta somente suas características próprias. Destarte, o bucolismo também se utiliza de características de outros gêneros, como a expressão do mundo, ora subjetivo, quando percebemos, na poesia, as emoções e sentimentos, ora objetivo, quando a personagem (ou poeta) faz a descrição do ambiente pastoril e da natureza. Notamos, outrossim, a presença de um narrador em 3ª. pessoa, quando o poeta fala a respeito dos pastores Córion e Aléxis, como ocorre na *Il Bucólica* de Virgílio, versos 1-5. A poesia bucólica apresenta características de gênero dramático, quando há a presença de um desafio poético ou um diálogo entre pastores.

Outros dizem que Orestes, quando esteve na Sicília, dedicou o gênero bucólico à Diana, deusa dos campos, depois de furtar a imagem da deusa e escondê-la num feixe de lenha.

Para outros, a poesia bucólica foi dedicada a Mercúrio, pai de Dáfnis, príncipe de todos os pastores e rebanhos. Julgam ainda outros ter sido a poesia bucólica escrita em honra de Pã, deus pastoril, protetor dos pastores e rebanhos, inventor da flauta de sete canos, a “sýrinx”, do grego $\blacklozenge \blacklozenge \blacklozenge \square \text{H} \text{U} \text{O} \square \text{X} \text{E} \text{D}$

Na tese *Os idílios de Teócrito e as Bucólicas de Virgílio*, de Junito de Souza Brandão (Cf. Brandão, 1950), assim ele se expressa:

O bucolismo teve, é quase certo, suas origens no povo helênico. Além do mais, as próprias condições geográficas, políticas e sociais da Grécia, muito contribuíam para o surto da poesia bucólica. As origens mais próximas estão nas festas das colheitas, das vindimas, bem como nas tumultuosas festas dionisíacas e fálicas, festejos estes que se realizavam nos campos.

Os camponeses festejam sua padroeira divina, Ártemis, a casta deusa, cuja luz suave lhes ilumina os folguedos noturnos. Grupos de pastores e trabalhadores do campo, encham a região da Sicília e da Itália Meridional, diminuindo o cansaço do labor com canções, nas quais o sentimento da natureza modera as ânsias do amor. Por isso, o bucolismo traduz a esperança de uma época de paz, um canto de saudade. A poesia bucólica tem ainda sua origem ligada a certos hábitos de vida, como a agricultura e a pastorícia³.

Também, não podemos dissociar a poesia pastoril de um $\bigcirc \blacklozenge \text{H} \square \square \text{Z} <$ (“mýthos”). Pois, um dos recursos utilizados pelo poeta é a alusão à mitologia agreste com que se alimentava a alma sensível e sonhadora do povo grego. Já que estamos percorrendo sobre as origens da poesia pastoril, passemos ao “campus” da etimologia dos vocábulos.

Veremos o significado etimológico (Cf CHANTRAINE) de idílio, écloa e bucólica. Sabemos que modernamente, todos estes nomes se equivalem, contudo, primitivamente, são diferentes.

O idílio, do grego $\text{M} \text{H} \text{E} \text{R} \text{O} \blacklozenge \blacklozenge \bullet \bullet \text{H} \square \blacksquare$ (“eidyllion”), era

³ Outro fator não menos relevante é o amor do povo helênico pela pastorícia;

composição poética breve, poesia curta. É o diminutivo de $\mu\lambda\lambda\acute{o}\varsigma$ (“eídos”). Entretanto, os modernos passaram a dar uma significação mais restrita a esta palavra, já que as composições sobre assuntos pastorais apareciam em maior número neste tipo de poesia, associando-se então o idílio à idéia de poesia pastoral.

Em latim, é empregado numa famosa passagem de uma epístola de Plínio, o Jovem (IV,14, 9):

Proinde siue epigrammata siue idyllia siue eclogas siue, ut multi, poematia seu quod aliud uocare malueris, licebit uoces: ego tantum hendecassylabos praesto.

Conseqüentemente, poderás chamá-los ou de epigramas, ou de idílios, ou de poesias, ou, como muitos fazem, de pequenos poemas, ou de outra coisa que preferires: eu somente me responsabilizo por hendecassílabos (Apud Carvalho Júnior, 1990: 15-16).

Plínio enviou a Paterno, juntamente com esta carta, alguns versos de sua autoria. Neste trecho vê-se bem que *idyllium* significa “pequeno poema de conteúdo variado”.

A écloga ou égloga, do grego $\mu\lambda\lambda\acute{o}\varsigma$ de “eklégein” significa etimologicamente, “escolha”, “extrato” e num sentido mais amplo “uma poesia ou trecho seletivo”. Só modernamente emprega-se como sinônimo de composição pastoril. A bucólica ($\mu\lambda\lambda\acute{o}\varsigma$) seria uma composição, na qual o protagonista era o boieiro ou vaqueiro. Tirou-se deste termo o nome do gênero – bucolismo ou poesia bucólica.

O termo pastoral que designa uma composição que se move num quadro rústico e num ambiente de pastores, não é usado na Antigüidade Clássica.

Assim, com a explicação etimológica dos nomes, acima mencionados, entendemos melhor o conceito de poesia bucólica. *Stricto sensu*, forma de poesia na qual o protagonista é o boieiro ou o vaqueiro, com predomínio para o guardador de gado bovino, por ser o mais antigo entre os pastores. *Lato sensu*, seria o gênero literário, em verso, em que figuravam, num cenário campestre, os guardadores de gado como principais atores, podendo ser boieiros, vaqueiros, pastores de

cabras ou de ovelhas.

Modernamente, há uma preferência para o nome pastoral ou pastoralismo, em virtude de ter sido a de pastor de cabras ou de ovelhas, a ocupação mais freqüente.

Quando falamos da origem da poesia pastoril, logo nos lembramos do poeta grego Teócrito, considerado o criador deste gênero. Este, contudo, não se desenvolveu apenas na Grécia. Virgílio o praticou em suas bucólicas, em Roma, e foi ele retomado pela posteridade no Renascimento e no Arcadismo, representando-se em boa parte da literatura européia.

Teócrito nasceu por volta do ano 310 a.C., provavelmente em Siracusa, colônia grega situada na Sicília. Viveu na ilha de Cós e em Alexandria⁶ e foi muito prestigiado em todo o mundo helênico.

Teócrito escreveu no dialeto dórico e, na maior parte de sua obra, na forma de diálogo. Seus poemas são retratos ou pequenas cenas do ambiente bucólico. Há muitas vezes passagens repletas de mitologia que refletiam as lendas do mundo pastoril.

Os pastores com seus amores felizes ou infelizes são os personagens de Teócrito. Seus poemas são escritos em hexâmetros datílicos.

Teócrito em alguns de seus poemas, apresenta os mesmos personagens da comédia nova. Primeiramente, porque há personagens do mundo burguês e outros do meio popular; há o jovem apaixonado que perdeu o seu amor, como no idílio XIV, e há a presença dos deuses do Olimpo que participam das aventuras familiares.

Há traços de ironia nos seus idílios, porém não é mordaz, quer apenas divertir. Para o poeta, o bem e o mal, a alegria e a dor têm o mesmo valor e enriquecem a sua imaginação.

Quanto à sua obra, Teócrito também empregou em três idílios (II, XIV e XV) o gênero literário conhecido como mimo. Este pode

⁶ Teócrito viveu no período helenístico, no qual a cultura e as atividades artísticas deslocam-se de Atenas para Alexandria. Esta torna-se um grande centro urbano e sob a proteção dos monarcas que ali reinam e com o auxílio de excelentes bibliotecas, aparecem muitos poetas e prosadores, nesta época;

ser definido como um gênero dramático, no qual pequenas cenas da vida quotidiana são abordadas de maneira bastante realista. O mimo literário era provavelmente recitado, e não encenado. As origens deste gênero são bastante obscuras. Sabemos que companhias de saltimbancos percorriam certas cidades gregas a apresentar pequenos trechos dramáticos de caráter bastante popular com imitações (○)✕”○□✕(Ⓣ de cenas da vida quotidiana ou da mitologia, nas quais não estavam ausentes as vulgaridades. De qualquer forma, Teócrito adaptou o mimo à sua arte refinada, despindo-o de vulgaridades (*Apud*, CARVALHO JÚNIOR, 1990: 18-19).

O que predomina nos idílios é a observação da rudeza dos pastores e um claro sentimento das belezas da natureza⁸.

Antônio Augusto, em sua dissertação intitulada: *A expressão poética dialetal de Teócrito em as Siracusanas*, nos ensina que “o poeta siracusano é um especialista em ilusão: ele ilude-nos todo o tempo com uma simplicidade aparente em suas poesias, simplicidade esta altamente estudada e obtida através do emprego de todos os recursos expressivos possíveis. A perfeição das descrições e a vivacidade das passagens dramáticas são outros traços constantes que colocam Teócrito como o maior poeta grego da época helenística”.

A literatura alexandrina cultuava o gosto pelo campo e os sentimentos dos pastores, entre outras coisas. Teócrito observa as realidades do campo e as retrata de uma maneira tão pessoal, que todos reconhecem que foi a partir de sua obra que o gênero bucólico ficou definitivamente constituído.

Na tradição filológica, Teócrito é classificado como poeta dórico, uma vez que a maioria de seus poemas está escrita neste dialeto.⁹ No entanto, esta classificação tem como base apenas a divisão tradicional dos quatro dialetos literários – o ático, jônico, eólico e dórico. O idílio XV, por exemplo, é precisamente aquele que apresenta maior fidelidade ao dórico siracusano, o dialeto nativo de Teócrito.

Passemos, agora, à origem da poesia pastoril, em Roma. Sa-

⁸ Ver o belíssimo idílio VII, de Teócrito, vs. 135 – 146.

⁹ Precisamos ter em mente a variedade de dialetos usados por Teócrito em suas diferentes composições.

bemos que os Romanos surgiram de uma pequena aldeia de agricultores, no séc. VIII a. C. Eles eram eminentemente agricultores e por isto se identificavam com o campo e a agricultura, também sabemos que surgiram grandes poetas que escreveram sobre ele.

Virgílio, por exemplo, ao tomar como material literário o ambiente campesino fez uma escolha acertada porque ia ao encontro do gosto do povo romano, povo de vida rural na sua origem e que guardava um grande amor à terra. As *Bucólicas* foram escritas numa época em que a sociedade romana se achava envolta nas lutas civis. A leitura dos poemas virgilianos, que retratam a simplicidade do campo, deveria agradar ao romano, cansado das agitações políticas.

Achamos necessário fazer um comentário, neste momento, sobre o poeta Virgílio para melhor enterdermos a poesia bucólica latina, pois o nosso poeta foi o introdutor do bucolismo em Roma. A sua maior glória foi cantar “as pastagens, os campos e os chefes”¹⁰. Note que Virgílio não foi o criador da pastoral, mas trouxe contribuição ao gênero, imprimindo nele uma feição romana;

Contudo, para entendermos bem o seu estilo e a obra que trata do bucolismo, é necessário conhecer um pouco a origem de Virgílio, seus gostos e tendências.

Sabemos que nasceu, em Andes, no ano 70 a.C., numa aldeia perto de Mântua. Seus pais eram camponeses. Ele se dedicou aos estudos literários e à poesia. Possuiu uma propriedade, às margens do Míncio e que, mais tarde, lhe foi confiscada, fato este que lhe causou grandes dores em vida. Virgílio consegue reconquistar a propriedade

¹⁰ Assim, foi escrito, em sua lápide tumular, o epitáfio composto por ele mesmo, segundo a tradição. Leiamos o seu dístico:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc

Parthenope; cecini pascua, rura, duces.

“ Mântua me engendrou, os Calabreses (me) arrebataram, hoje,

Partênope (me) possui; cantei as pastagens, os campos e os generais”. Este dístico e algumas idéias sobre a vida de Virgílio foram tirados da pág. 373 do livro de João Pedro Mendes, intitulado *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*, ano 1997. Quando Virgílio faz menção aos seus cantos, ele está se referindo as suas três monumentais obras: *As Geórgicas*, *As Bucólicas* e *A Eneida*;

graças a intervenção dos magistrados Asino Polião, Alfenio Varo e Cornélio Galo aos quais nosso poeta é muito agradecido e este acontecimento deu origem às suas Bucólicas I e IX.

A obra de Virgílio é caracterizada pelo amor à natureza campestre, pelo amor à paz, à ordem e à tranquilidade, pelo amor à simplicidade e à naturalidade, enfim pelo amor à pátria. Todas estas qualidades reunidas constituíram as três idéias fundamentais das obras de Virgílio: rústico-bucólica, social e patriótica. Eis o que o nosso poeta mantuano diz:

Ille ego qui quondam gracili modulatus auena
carmen et egressus siluis uicina coegi,
ut quamuis auido parent arua colono,
gratum opus agricolis, at nunc horrentia Martis –
arma uirumque cano (Cf. MENDES, 1997: 374).

Eu (sou aquele) que, outrora, em delicada flauta pastoril, cantei e me afastei dos bosques, reuni os campos vizinhos, para que, de fato, se submetessem ao ávido colono, trabalho agradável aos agricultores, mas, agora, canto as horríveis armas de Marte e o herói.¹²

Iniciou-se a sua vida literária com *as Bucólicas ou Éclogas*, cabendo-lhe o mérito de ter aclimatado o gênero bucólico em Roma. E, indubitavelmente, sob a influência de Teócrito, compôs uma obra original e bela.

As Bucólicas foram escritas em hexâmetros datílicos, conforme exigia o gênero, o canto era posto na boca de um pastor que ora chorava suas penas nos bosques, ora disputava poeticamente com seu interlocutor, ora retratava as belezas da natureza e seus amores, ora tecia encômios aos deuses ou aos políticos de sua época.

Concluimos este capítulo, afirmando que as características bucólicas são fatores relevantes na obra virgiliana, embora a quarta bucólica esteja mais próxima, pela temática e pela estruturação, do canto épico. O pastor de Virgílio é poeta, músico e cantor. Lembremos Menalcas, na V bucólica, quando elogia Mopso, dizendo que es-

¹² Estes versos da Eneida foram retirados pelo amigo de Virgílio, Vário. O mantuano não terminou de elaborar os últimos versos e teme que se algo lhe acontecesse, Vário deveria queimar a sua obra épica, por ordem do próprio Virgílio. Com a morte deste, Augusto ordena a Vário a publicação da Eneida, mesmo inacabada.

te se iguala a Dáfnis na flauta e no canto:

Nec calamis solum aequiperas, sed uoce magistrum;
fortunate puer, tu nunc eris alter ab illo.

(*Buc.* V, 48 - 49)

Não somente, (tu) igualas o mestre na flauta,mas também na voz,
ó afortunado rapaz, tu serás, agora, o segundo depois dele.

BIBLIOGRAFIA

ALMENDRA, M. A. & FIGUEIREDO, J. *Compêndio de Gramática Latina*. Porto: Porto, 1996.

BALLY, Ch. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1970.

BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, s/d.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *O bucolismo de Teócrito e de Virgílio*. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Os Idílios de Teócrito e As Bucólicas de Virgílio. Tese de concurso à cátedra de latim do colégio Pedro II*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950.

BUISEL, Maria Delia. *Sobre la indentidad del puer de la IV egloga*. Buenos Aires: Separata de actas del VII simposio nacional de estudios clasicos, 1982.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étimologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968-1980. 2v.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto,1989.

COMMELIN, P. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Trad. brasileira. Rio de Janeiro: H. Garnier, [s/d.].

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: MEC-FENAME,1996.

GARCIA, Janete Melasso. *Introdução a teoria e prática do latim*. Brasília: Edunb,1993.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GOW, A. S. F. *Theocritus. Introduction, text, translation and commentary* by A. S. F. Gow. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, vol. 1.

———. *Theocritus. Edited with a translation, commentary, appendix, indexes and plates* by A.S.F. Gow. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, vol. 2

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. 2a. ed. corrigé. Paris, Presses Universitaires de France, 1958.

———. *Gramática Latina. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, s/d.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: ed. Cultrix, [s/d.].

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica – Grega e Latina. Tradução de Mário da Gama Kury* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

HORTA, Guida N. B. P. *Os Gregos e seu Idioma*. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio, 1991, vols.1 e 2.

HUMBERT, Jules & BERGUIN, Henri. *Histoire Illustrée de la Littérature Grecque*. Paris: Didier, 1947.

JUNIOR, Antonio Augusto de Carvalho. *A Expressão Poética Dialectal de Teócrito em As Siracusanas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LARROUSSE . *Grande Enciclopédia Larrousse Cultural*. Rio de Janeiro: Nova Cultural Ltda, 1988.

LIDDELL & SCOTT. *Greek – English Lexicon. New Edition revised by Jones*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

MAROUZEAU, J. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1946, págs. 48-49, 2ª. ed, 1946;

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira das origens aos nossos dias*. São Paulo: Editora Scipione Ltda, s/d.

NOVAK, Maria da Glória et Alii. *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina. Trad. Manuel Losa*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica Cultura Grega* Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964, vol. 1.

———. *Estudos de História da Cultura Clássica – Cultura Romana*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964, vol. 2.

PLESSIS, F. et LEJAY, P. *Ouvres de Virgile (Text latin)*. Paris: Librairie Hachette, 1928.

PORTELLA, Eduardo et Alii. *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

ROSENMEYER, Patricia A. *Anacreon and the anacreontic tradition (The poetics of Imitation)* Cambridge: Cambridge University Press, 1988, vol. 1.

SERRIS, Jacqueline Fabre. Jeux de modèles dans l' Alexandrinisme romain: les hommages à Gallus dans la Bucolique X.). In: Revue des Études Latines. Paris: Société D'Étition "Les Belles Lettres", 1996, pág. 124.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SPALDING, Tassilo Orfeu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultrix, s/d.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

TEIJEIRO, Manuel Garcia & TEJADA, Maria Teresa Molinos. *Bucólicos Griegos*. Madrid: Editorial Gredos, 1986.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, s/d.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TUFANO, Douglas. *Estudos de Língua e Literatura*. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

VERGILIUS MARO, Publius. *Éneide*. Paris, Les Belles Lettres, 1925.

VIRGILE. *Les bucoliques et les Géorgiques*. Paris, Librairie Garnier Frères, 1944.

WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Publicações Europa-américa, 1962.

YARZA, Sebastian. *Diccionario Griego – Español*. Barcelona: Editorial S., 1951.